



REFLEXÃO BÍBLICA

Natal: a esperança renasce nas margens

“Não tenhais medo! Eu vos anuncio uma grande alegria, que o será para todo o povo: hoje, na cidade de Davi, nasceu para vós um Salvador, que é o Cristo Senhor”. (Lc 2,10-11)

Pe. Adroaldo Palaoro, SJ

Natal de nosso Senhor Jesus Cristo — Ano C

A celebração do Natal deste ano tem um sabor todo especial; podemos vivenciá-lo inspirado no “Ano Jubilar da Esperança” – 2025, cuja abertura acontecerá oficialmente no dia 29 de dezembro de 2024. Tudo aponta para o Eterno que nos escapa e nos encontra. Aqui a imaginação entra em ação: diante d’Aquele que é “Luz da

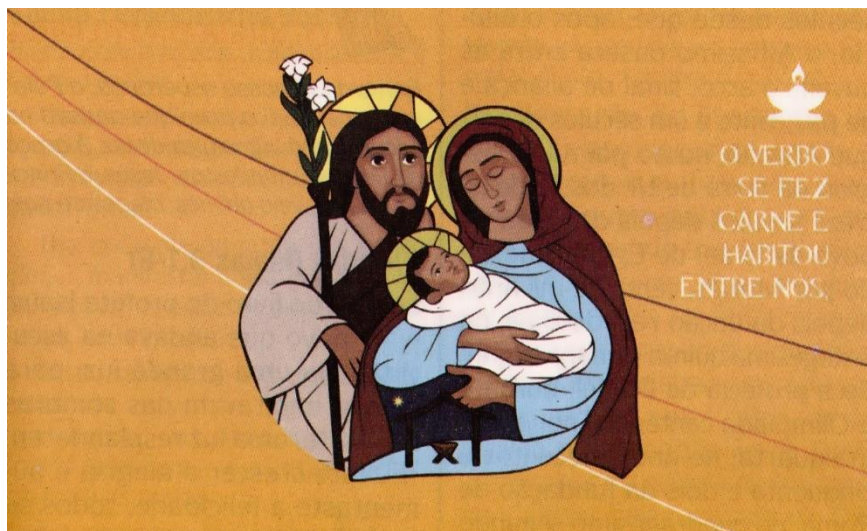


Ilustração: IAS Agência (Liturgia Diária da Paulus, dezembro’2024 - p.91)

esperança”, podemos dar sabor à nossa vida, muitas vezes modesta e simples. A **esperança** tem raízes na eternidade, mas ela se faz visível nas pequenas coisas. Nos despojados gestos ela floresce e aponta para um **sentido** novo. É preciso um coração contemplativo para captar o “**mistério**” que nos envolve. É preciso um “coração de pastor” para ver numa Criança a presença do Inefável.

Na verdade, “entrar” na Gruta do **Nascimento** de Jesus é sempre um chamado à **esperança**. Esperança que não é uma projeção para um futuro incerto e que serve apenas para fugir do presente ou para poder “suportá-lo”. Por este motivo, não podemos entender a **esperança** como mera “expectativa” que nos afasta do presente cotidiano, na promessa de algo que nos faça sentir melhor, em outro tempo e em outro lugar.

A autêntica **esperança** nos enraíza no presente. Porque, realmente, só há uma esperança: aquela que corresponde ao desejo de viver intensamente o “Hoje eterno” de Deus. Essa é a única coisa que aspiramos: reconhecer-nos e viver na Plenitude do que é, no presente pleno, na presença que somos. Presente que se abre ao novo **futuro**. E para este “novo tempo” nos dirigimos quando nos permitimos viver no coração do presente, quando nos deixamos encontrar por ele.

Na contemplação do Nascimento do Menino Jesus, a **noite** pode espantar, mas também pode ser chance para ver melhor; a morte pode ser ameaçadora, mas ela ensina a viver; o cotidiano pode parecer vazio, mas ele aponta para a eternidade; o **infinito** pode suscitar inquietação, mas consegue impulsionar para o além, até acender no coração uma chama persistente: a **esperança**.

Para além daquilo que possa ocorrer na superfície da história pessoal e coletiva, há uma realidade estável que nos sustenta e que podemos experimentá-la como “rocha firme” sobre a qual firmar nossos pés.

A **esperança**, portanto, é como esse impulso que desafia o presente imediato e finca raízes no futuro novo; é ela que nos permite escrever nossa história com mais criatividade e ousadia, nos abre à invenção de possibilidades que nos fazem viver com mais sentido, integra o passado e nos faz recomeçar, mantém a coragem de ser, nos mobiliza a passar das puras exigências e das simples necessidades para o dinamismo do dom e do desejo. Na esperança, encontramos a abertura e a amplitude de nossa vida.

Não basta esperar, é preciso uma **paixão de esperança**, que somente é possível se nos conduz para um horizonte plenificante, para um além da vida do dia a dia.

No **Nascimento** de Jesus Cristo, Deus realiza um verdadeiro casamento com a humanidade e com o planeta Terra, com toda a diversidade de vidas e com todas as suas riquezas naturais. Contemplar o Nascimento de Jesus deve nos levar a um mais profundo reconhecimento de que a Terra e o que ela contém fornecem o material para o seu corpo, seu presépio e sua presença no mundo.

Em **Jesus**, Deus não só se fez **Homem**, senão **“homem pobre e humilde”**. A **Palavra de Deus** não pode ressoar em nós com toda a intensidade se, para nós, palavras como *“gruta de animais domésticos, pastores religiosamente impuros, vida cotidiana, ...”* não tem um profundo significado experiencial.

Na proximidade contemplativa dos **pobres e humilhados** encontramos os **nomes e verbos** nos quais Deus falou em Jesus e onde continua nos falando hoje. Em Jesus encarnado encontramos a **pobreza** e a **humildade** de Deus, ao lado de muitas existências pobres e humilhadas. **“Fora”** e **“abaixo”**, onde Jesus se manifestou, construímos a **“composição vendo o lugar”** para situar a contemplação.

Nesta contemplação vai se purificando nossa imaginação e nosso mundo afetivo para poder seguir a Jesus em um serviço como o seu, no lugar mesmo onde Ele se fez presente para fazer **Redenção**.

No final, seremos todos acolhidos por Aquele que nos quer **“eternos”**. Porque Ele é **“terno”**, deitado numa manjedoura, **Esperança** despojada que dá sentido às nossas perdas **“esperanças”**.

O **“mistério do Nascimento de Jesus”** nos diz que a **esperança** mantém sempre acesa a faísca de **luz** que todos carregamos dentro. É ela que nos faz cair na conta que somos **“luz do mundo”**, uma chama que nunca se apaga; somos **“sarça ardente”** para os outros, consumindo-nos constantemente, sem nunca nos consumir; somos uma lâmparina humilde, brilhando na janela da nossa pobre casa, indicando aos outros o caminho da segurança e do aconchego.

Jesus é a **Luz da esperança** que brilha no mundo e na gruta interior de cada um; seu Nascimento revela-se como uma Luz que, do interior de uma Gruta, se espalha e ilumina toda a terra, harmonizando e integrando tudo. Quem se aproxima da Luz se torna **luz**, reflexo da **Luz** da Criança de Belém. A vida inspirada pelo Nascimento de Jesus é um **“caminhar na Luz”**.

O ser humano é **luz** quando expande seu verdadeiro ser, ou seja, quando transcende e vai mais além, desbloqueando as ricas possibilidades de humanidade. A **luz**, por si mesma, é expansiva: *“Vós sois a luz do mundo”*.

Podemos viver com encantamento a mais simples sensação, o encontro aparentemente mais banal e sentir transparecer através dos seres e das coisas o Rosto do Deus encarnado. Na sua luz, tudo passa da morte para a vida, da ausência para a presença, do tempo para a eternidade.

Para ilustrar concretamente a força inspiradora do Mistério que se revela na Gruta em Belém, há uma fantástica contemplação de um autor que está longe de ser um Padre da Igreja: trata-se de Jean-Paul Sartre, o famoso filósofo do existencialismo e ateu confesso. Quando foi feito prisioneiro de guerra em 1940, ele escreveu, a pedido de seus companheiros de prisão, a espantosa contemplação, como sua contribuição para a festa de Natal que eles queriam celebrar juntos. O título do texto é: **“Se eu fosse um pintor”**. Aparecem maravilhosamente unidos o humano e o divino, o sensível e o espiritual se entrelaçam intimamente:

“A Virgem está pálida e olha o filho. O que deveria ser pintado em seu rosto é uma maravilhosa ansiedade que só apareceu uma vez em uma figura humana. Pois Jesus é seu filho, carne de sua carne e fruto de suas entranhas. Ela o carregou nove meses e lhe dará o seio e seu leite se transformará no sangue de Deus.

E, em alguns momentos, a tentação é tão grande que ela esquece que ele é Deus. Ela o aperta nos braços e lhe diz: 'meu pequeno'. Mas, em outros momentos, ela fica confusa e pensa: 'Deus está aí' – e ela se sente invadida por um puro medo religioso diante desse Deus mudo, dessa criança assustadora. Pois todas as mães, às vezes, ficam como que paralisadas diante desse fragmento rebelde de sua carne que é seu filho e se sentem exiladas diante dessa nova vida que se fez com a vida delas e que é habitada por pensamentos estranhos. Mas nenhum filho foi tão cruelmente nem mais rapidamente arrancado de sua mãe, pois ele é Deus e ultrapassa em tudo o que ela pode imaginar.

Mas imagino que também existam outros momentos rápidos e misteriosos nos quais ela sente que Jesus, ao mesmo tempo que é seu filho, é Deus. Ela o contempla e pensa: 'Esse Deus é meu filho. Essa carne divina é minha carne, Ele foi feito de mim, ele tem meus olhos e a forma de sua boca é da minha. Ele parece comigo. Ele é Deus e ele parece comigo'.

E nenhuma mulher teve dessa forma seu Deus somente para ela. Um Deus pequenino que podemos abraçar e cobrir de beijos, um Deus quentinho que sorri e que respira, um Deus que podemos tocar e que está vivo. E é em um desses momentos que pintaria Maria, se fosse pintor, e tentaria reproduzir o ar de confiança suave e de timidez com a qual toca com o dedo a pele suave dessa criança-Deus cujo peso ela sente sobre os joelhos e que lhe sorri”.

Texto bíblico: Lc 2,1-15

Na oração: Ditosos somos nós se podemos saborear e abraçar a **paz** e a **esperança** que brotam do coração que o Menino de Belém nos traz e oferecê-la largamente para que outros possam também receber seu dom; sem defesas, sem preços, sem temores.

A “memória agradecida” do tempo do Natal nos abre os olhos e todo o nosso ser para o grande presépio que é realidade, grávida de ricas possibilidades e novidades, de sorte que nos associemos à grande “descida” do Messias para comunicar Vida em Plenitude.

- Quê esperanças você carrega no coração?

“Que a esperança, visível na Criança de Belém, se torne uma atitude permanente de vida.
Um inspirado Natal junto aos seus”.

Pe. Adroaldo Palaoro, SJ